

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITO

SELEÇÃO 2016 - INGRESSO EM 2017

PROVA DE COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO JURÍDICO

EM LÍNGUA ESTRANGEIRA - FRANCÊS

LA PHILOSOPHIE DE LA JUSTICE DES JURISCONSULTES ROMAINS

Jetons maintenant un bref regard sur la théorie générale de la jurisprudence romaine, dont quelques fragments nous ont été transmis dans le *Digeste* (livre I, titre I: *De Justitia et jure*). Et leur rôle a été si grand sur la pensée européenne que la philosophie du droit ne peut se permettre de les ignorer. Parmi les textes nous allons faire d'ailleurs un choix délibéré.

Il était jadis bien connu que le juriste romain pensait sa discipline comme s'exerçant au service de la justice. C'est affirmé dès les premières lignes du *Digeste*: *jus a justitia – jus est ars boni et aequi – Justitia cujus merito quis nos sacerdotes appellat* (la justice dont à bon droit on nous nomme les prêtres). Ces analyses grammaticales, et ce lieu commun étaient passés dans le domaine commun des juristes.

Mais qu'entendaient-ils par *justice*? Est-ce cette idée extrêmement creuse, en fait inutile, que la justice est pour la plupart de nos contemporains? Certainement pas, bien qu'on trouve un certain flottement à cet égard dans les premiers textes du *Digeste*. La justice y semble entendue d'abord au sens de moralité, de "justice générale". Le juriste aurait pour mission de "discerner le licite de l'illicite", de pousser les hommes à être "bons". Dans une telle formule il y a bien quelque infiltration du moralisme stoïcien; d'autres facteurs, sur lesquels on reviendra bientôt, peuvent expliquer cet élargissement d'ailleurs probablement tardif du champ de la science juridique romaine.

La position des classiques n'en est pas moins ferme. Lorsqu'ils cherchent à mettre en forme la définition de la justice des juristes – comme au *Digeste*, fragment 10, et à mainte reprise ailleurs – c'est la justice *particulière*, cette vertu, cette activité qui a pour but l'attribution à chacun de ce qui est le sien: *suum cuique tribuendi*.

Le texte suivant qui énumère les préceptes du droit, plus complexe, comporte trois termes: “*honeste vivere, alterum non laedere, suum cuique tribuere*”. Mais comme le montre Felix Senn, et pour qui connaît la technique romaine de la définition, seul le dernier élément de la définition, indiquant la différence spécifique, y est à retenir. Ce que méconnaîtront Leibniz et maint autre philosophe moderne, dans leurs commentaires. Cette justice que sert le juriste se donne pour office spécifique la répartition des biens et des charges.

Le premier mérite propre à la science juridique romaine – écrit le romaniste Schulz dans son ouvrage sur “les principes” du droit romain “c’est d’avoir su *isoler* son objet d’étude “*Isolierung*”. Le juriste romain sait ce qu’il cherche spécifiquement, il possède une notion consciente de l’objet, des limites de sa discipline. Il ne s’égare pas dans la politique, l’économie ou la science de l’administration, ni dans la morale. Et son objet n’était pas toute la justice – *dikaion* – (pas la vertu ni le règlement de la conduite de l’individu), mais seulement le *jus*, terme qui a souvent servi à traduire le grec *dikaion*.

(VILLEY, Michel. *Philosophie du Droit: définitions et fins du droit*, Paris: Dalloz, 1975, pp. 94-95)

Perguntas :

1) Como pensava o jurista referido no texto sobre a sua disciplina?

2) Qual era o seu objeto de estudo?

SELEÇÃO 2016 - INGRESSO EM 2017

PROVA DE COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO JURÍDICO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA – FRANCÊS

GABARITO

UMA FILOSOFIA DA JUSTIÇA ENTRE OS JURISCONSULTOS ROMANOS

(VILLEY, Michel. *Filosofia do Direito: Definições e fins do direito. Os meios do Direito. Tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar*; São Paulo: Martins Fontes, 2003, tópico 51 pp. 91-92).

Lancemos agora um breve olhar sobre a teoria geral da jurisprudência romana, da qual alguns fragmentos nos foram transmitidos pelo Digesto (livro I, título I: De Justitia et jure). Seu papel foi tão marcante no pensamento europeu, que a filosofia do direito não pode se permitir ignorá-los. Procedemos à escolha de alguns textos.

O jurista romano pensava o direito como se exercendo a serviço da justiça. Como se afirma já nas primeiras linhas do Digesto: *jus a justitia – jus est ars boni et aequi – Justitia cujus mérito quis nos sacerdotes appellet* (a justiça, da qual merecidamente nos chamam sacerdotes). Estas análises gramaticais tinham passado a ser do domínio comum dos juristas.

Mas o que estes entendiam por justiça? Acaso esta ideia extremamente vazia, na verdade inútil, que a Justiça constitui para a maioria de nossos contemporâneos? Certamente não, se bem que haja certa flutuação nos primeiros textos do Digesto. A justiça parece ser aí entendida primeiro no sentido de “justiça geral”. O jurista teria como missão “discernir o lícito do ilícito”, de incitar os homens a serem “bons”. Em tal fórmula percebe-se certa infiltração do moralismo estoico.

A posição dos clássicos não é menos firme. Quando procuram dar forma à definição da justiça – primeiro no Digesto, fragmento 10, e depois em várias outras ocasiões – ela é a virtude, a atividade que tem por objetivo medir a parte de cada um: *suum jus cuique tribuendi*.

O texto seguinte, que enumera os preceitos do direito, mais complexo, comporta três termos: “*honeste vivere; alterum non laedere; suum cuique tribuere*”. Mas como mostra Felix Senn, e para aqueles que conhecem a técnica romana da definição, apenas o último termo, que indica a diferença específica, é que deve ser retido. O que Leibniz e muitos filósofos modernos desconsiderarão em seus comentários. Esta justiça à qual serve o jurista atribui-se como ofício específico a *tributio*, repartição de bens e de encargos.

O primeiro mérito da ciência jurídica romana – escreve o romanista Schulz em seu livro sobre “os princípios do direito romano” – é ter sabido isolar seu objeto de estudo “*Isolierung*”. O jurista romano sabe o que está buscando, possui uma noção consciente o objeto, dos limites de sua disciplina. Não se desvia para a política, a economia ou a ciência da administração, nem para a moral. E seu objeto não era a justiça inteira – *dikaion* – não se ocupava da virtude nem de reger a conduta do indivíduo – mas apenas o *ius*, termo usado para traduzir o grego *dikaion*.